

PUOC

TENTATIVA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE RELACIONAMENTO
INTERPESSOAL ATRAVÉS DOS TESTES "Z"
E DESENHO DA FIGURA HUMANA

Anna Maria Hoette

TESE DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

1972

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Marquês de São Vicente, 209 — ZC-20
Rio de Janeiro — Brasil

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

UC19679.3

TENTATIVA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE RELACIONAMENTO
INTERPESSOAL ATRAVÉS DOS TESTES "Z" E DESENHO
DA FIGURA HUMANA

por

Anna Maria Hoette

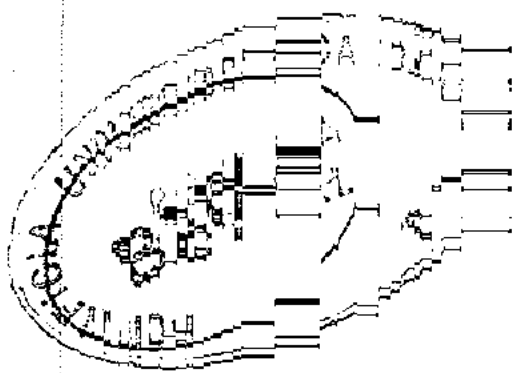
Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção
do grau de

MESTRE EM CIÊNCIAS

DE

PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, GB, dezembro de 1972



31744
BC

TBE

PLC

LEO

H 95

UC 19.679-3

RECE

A Prof. Monique Augras, pela dedicação e apoio com que orientou esta tese.

A Maria Alice Bogossian, pela colaboração nas análises estatísticas.

Ao Departamento de Psicologia da PUC e a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram na elaboração deste trabalho.

SUMÁRIO

O presente trabalho tem como objetivo verificar possíveis relações entre o teste do Desenho da Figura Humana e o Teste Z.

Realizamos uma revisão bibliográfica das pesquisas existentes, que nos levou a uma análise crítica quanto à fundamentação teórica dos mesmos.

De acordo com os estudos já desenvolvidos, o desenho da figura humana refletiria tanto a imagem que o sujeito tem de si mesmo como a que tem de outros, expressando desta maneira o nível de relacionamento interpessoal. As interpretações ao teste Z - prancha III - revelariam a identificação com seres humanos, cobrindo portanto, a mesma área.

Considerando que esses dois testes contribuem para o conhecimento da capacidade de um indivíduo se relacionar com os outros, propusemo-nos a analisar como esses testes se correlacionam.

Para verificar esta correlação, selecionamos alguns aspectos vistos como pertinentes ao problema:

- a) relativo ao desenho da figura humana: desenho de perfil, qualidade de vazio, figuras esquematizadas e desenho incompleto, e correspondentemente;
- b) relativo ao teste Z: ausência de GMH no primeiro percepto, ausência de respostas H, ausência de H e/ou presença de (H) e ausência de GMH.

Estes aspectos foram tratados empiricamente

A amostra constitui-se de 216 candidatos à função de gerente de um banco do Estado da Guanabara, estudantes do quarto ano ou recém formados nas faculdades de Economia e Administração.

O teste estatístico adotado foi o coeficiente phi, signifi-cante ao nível p.05, em todos os aspectos. Acreditamos que o Desenho da Figura Humana e o teste Z possam ser empregados complementar-mente.

Com a finalidade de estabelecer a validação dos crité-rios adotados nos dois testes, foi realizado um estudo de follow-up, em termos de pesquisa piloto. Dezesseis indivíduos foram submetidos a uma avaliação, feita por supervisores, de seu nível de relacionamento no desempenho desta função.

O teste estatístico adotado foi o da probabilidade exata de Fisher, não significante ao nível p.05. Pode ter contribuído para este resultado, o fato desta função requerer apenas uma sociabilidade su-perficial.

SUMMARY

This study was undertaken having in view the investigation of possible relations between The Draw a Person Test and the Z test.

Upon examining bibliography and researches, we have come to a critical analysis of the theoretical basis of the above mentioned tests.

According to these previous studies, the drawing of the human figure would reflect both the image a person has of himself and of others, thus revealing his level of interpersonal functioning. This same area of relationship was covered by the Z test - Plate III - which would exhibit an identification with human beings.

Having this in mind that both tests contribute to give us an idea of a subject's mode of relating to others, we have proposed to analyse how these tests correlate.

To check these correlations we considered certain aspects viewed as meaningful to the question:

- a) owing to the Draw A Person Test: the drawing of profile, the quality of emptiness, the stick figures and incomplete drawing and correspondingly;
- b) owing to the Z Test: lack of GMH in the first percept, lack of H, lack of H and/or presence of (H), absence of GMH.

These aspects were experimentally treated.

The subjects were 216 applicants to a bank manager

placement in the State of Guanabara. They were all of 4th graders or recently graduated of Graduate Schools of Economy and Administration.

The statistical method used was the phi coefficient and it showed significance at the p.05 level, in all cases. We found a low positive correlation between the two tests. We believe that both tests might be used complementarily.

With the purpose of establishing the validity of above mentioned criteria, a follow-up study was undertaken (in terms of a pilot research). Sixteen subjects were submitted to an evaluation of their interpersonal relationship in actual working situation, this appreciation being done by their superiors.

The statistical method was the Fisher exact probability test, not significant at the p.05 level. One reason for this result might be that for this kind of work a superficial sociability is sufficient.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO	
CAPÍTULO 1 - Técnicas Projetivas	1
CAPÍTULO 2 - Teste Z	5
CAPÍTULO 3 - Desenho da Figura Humana	19
CAPÍTULO 4 - Abordagem Experimental	34
4.1 - Hipóteses	34
4.2 - Amostra	34
4.3 - Instrumentos de Medida	36
4.4 - Observações sobre os Instrumentos Empregados	43
4.5 - Procedimentos Estatísticos	45
4.6 - Resultados	46
4.7 - Discussão	49
CONCLUSÃO	53
BIBLIOGRAFIA	56

INTRODUÇÃO

O uso das técnicas psicológicas, como instrumentos complementares ou exclusivos do processo de seleção profissional, tem sido amplamente difundido, nos últimos anos.

O objetivo básico da seleção profissional é investigar a capacidade de ajustamento às condições específicas de um cargo numa instituição. Os fatores pessoais passaram a ser enfatizados, como preponderantes, na adaptação e produtividade de um indivíduo em seu trabalho.

O desenvolvimento das técnicas psicológicas, sobretudo aquelas relacionadas ao estudo da personalidade, permitem a investigação de fatores que possivelmente contribuam para a integração do indivíduo em seu trabalho. As necessidades de aplicação coletiva, de pouco tempo de duração e de facilidade de correção, especialmente em seleção profissional, levaram alguns pesquisadores à elaboração de testes específicos de personalidade, que atendessem a esses objetivos. Desta maneira, o teste do desenho da figura humana e o teste Z passaram a ser utilizados, maciçamente, como instrumentos que possibilitam o conhecimento da dinâmica da personalidade, devido a escassez de testes, neste sentido, padronizados em nosso meio.

O teste do desenho da figura humana foi introduzido por Machover, em 1949, visando uma análise global da personalidade, quando comenta: "a figura humana desenhada por um indivíduo que é solicitado para desenhar uma pessoa, relata intimamente os impulsos, ansiedades, conflitos e compensações características daquele indivíduo. De certa forma, a figura desenhada é a pessoa, e o papel corresponde ao ambiente"³⁸.

Partindo desse pressuposto, alguns investigadores consideraram que o desenho da figura reflete a imagem que o indivíduo tem de si mesmo e a imagem que tem de outras pessoas, utilizando diferentes métodos e grupos de sujeitos, em seus estudos. Schmidt e McGowan⁵⁴, Centers e Centers⁸ pesquisaram com pessoas apresentando defeitos físicos; Kamano³¹, Strumpfer⁵⁹, Exner e Reznikoff e Nicholas voltaram-se para a área patológica (Apud Swensen⁶²). Apfeldorf e Smith⁴ compararam fotografia e desenhos das figuras; Ludwig³⁶ introduziu, experimentalmente, estímulos positivos e negativos para verificar a auto-estima; Lewinsohn correlacionou o teste do desenho com outras medidas de personalidade (Apud Swensen 62).

Zulliger verificou que não era necessário uma análise profunda de estrutura mental e afetiva para discriminar os candidatos que manifestavam perturbações de personalidade, daqueles que podiam ser considerados aptos para o Exército Suíço. Elaborou, então, o teste Z, fundamentado no Rorschach, que permitia semelhante avaliação, porém de forma mais rápida e aplicável ao uso coletivo, desde que se constituía de três pranchas. A respeito do significado da prancha III, escreve: "provoca facilmente uma cinestesia. Desde que um indivíduo seja capaz de perceber as manchas negras como seres humanos ... estamos certos que uma sensação cinestesica foi provocada análoga a da prancha III do Rorschach e do Behn-Rorschach."⁶⁸

Como o significado das respostas a essa prancha sugere reações de identificação com a figura humana, é frequentemente, interpretado como indicativo da capacidade de um indivíduo se relacionar com outras pessoas. Portanto, as respostas de movimento e conteúdo humano foram objeto de várias investigações. Klopfer e Loosli-Usteri³² vêm na ausência de respostas de movimento, a existência de perturbações nos contatos sociais. De Renzi Isotti e Saraval dedicaram-se às diferenças socio-econômicas e Molish e Thomas. Roe e Rieger focaliza-

ram o aspecto da atividade ocupacional. O ajustamento social foi con-
derado por Rapaport, Eschenbach e Borgatta. (Apud Draguns 14)

A análise do desenho da figura humana complementada pelas interpretações à prancha III do teste Z, expressa características da personalidade do indivíduo, podendo destacar-se o nível de relacionamento.

Dada nossa experiência no uso desses testes, observamos que certos aspectos do desenho da figura humana apresentavam uma correspondência a determinadas respostas à prancha III do teste Z. Aumentando-se os comentários de Landisberg sobre o teste do desenho da figura e Rorschach, em que menciona: "uma relação análoga entre estes testes, que falta verificação experimental e estatística, mas que se observa ser clinicamente proveitosa" (in ref. 24). Propusemo-nos, como objetivo básico deste presente trabalho, verificar a relação entre o desenho da figura humana e respostas à prancha III do teste Z.

Verificamos também que um dos principais problemas da seleção profissional diz respeito à validação dos resultados. Aumenta o emprego das técnicas psicológicas, mas não há verificação objetiva da adequação das avaliações feitas pelos psicólogos.

Os dados que podem ser investigados para avaliarmos o grau de ajustamento do indivíduo no trabalho, são complexos e carecem de precisão, o que ocorre com os critérios externos de avaliação. Optamos, portanto, pelo aspecto de nível de relacionamento por ser uma característica fundamental na atividade profissional, que faz parte deste estudo, e por permitir uma verificação relativamente segura. Para atender a este objetivo, um sub-grupo foi avaliado por supervisores, após um tempo de trabalho.

Nosso segundo objetivo, neste estudo, é, em termos de pesquisa piloto, verificar a relação entre as classificações dos testes do desenho da figura humana e Z, com um critério externo de avaliação do nível de relacionamento.

Assim, nos três primeiros capítulos deste trabalho apresentaremos resumidamente, investigações e estudos realizados com os testes do desenho da figura humana, Rorschach e Z. Tentamos fazer uma análise geral dos resultados das pesquisas e comentários críticos sobre seus fundamentos teóricos.

No 4º capítulo, relataremos o experimento que compreendeu: primeiramente, a relação entre o desenho da figura humana e o teste Z, e, posteriormente, em nível de tentativa, a validação dessas provas.

O psicólogo americano Lawrence K. Frank foi o primeiro a empregar o termo técnicas projetivas, em 1939, para designar um grupo de testes, alguns já conhecidos e utilizados antes, numa nova perspectiva psicológica. "Em sua essência, escreve Frank, uma técnica projetiva é um método de estudo da personalidade que põe o sujeito diante de uma situação a qual responderá, segundo o sentido que para ele representa esta situação e segundo o que sente enquanto responde. ... que evoca assim do sujeito aquilo que é expressão do seu mundo pessoal e dos processos de personalidade".¹⁹

O fundamental desta situação é o seu caráter inestruturado. A hipótese implícita é que a maneira de se estruturar a situação reflete os aspectos fundamentais de funcionamento psicológico do sujeito. Este processo baseia-se no mecanismo de projeção.

Laplanche e Pontalis definem projeção como: "termo utilizado num sentido muito geral em neurofisiologia e psicologia para designar a operação pela qual um fato neurológico ou psicológico, é deslocado e localizado no exterior, quer passando do centro para a periferia, quer do sujeito para o objeto."³³

É discutível a ocorrência do mecanismo de projeção nas técnicas projetivas. Vários autores propuseram novos termos tendo em vista a não aplicabilidade do conceito original de Freud. Assim Murray denomina "testes de apercepção", termo que Bellak voltou a empregar em um de seus trabalhos mais importantes sobre o tema, Cattell prefere "testes dinâmicos", Eysenck define como testes não estruturados, entre outros.

Pichot⁴⁶ considera como técnicas projetivas, as provas que apresentam as seguintes características:

- 1 - visam revelar a personalidade total do sujeito, ou certos aspectos da personalidade situados em seu contexto global
- 2 - os estímulos que empregam são ambíguos provocando uma variedade de respostas
- 3 - utilizam o mecanismo de projeção.

As técnicas projetivas compreendem vários testes baseados em diferentes estímulos ou situações. Entre as classificações destas técnicas, a de Frank¹⁹ distingue:

- técnicas constitutivas - o sujeito deve aplicar uma estrutura e uma organização a um material não estruturado e plástico (modelagem, manchas, pintura etc.)
- técnicas construtivas - o sujeito deve construir estruturas mais amplas, partindo de um material definido (pirâmides, mosaico)
- técnicas interpretativas - o sujeito deve interpretar uma experiência ou constituição de significado afetivo (fotografias)
- técnicas catárticas - sob o efeito do estímulo o sujeito exterioriza uma reação emocional (MAPS, TAT, etc.)
- técnicas expressivas (mímica, grafismo)

A validade das técnicas projetivas é questionada sobretudo porque seus resultados se apresentam sob forma de apreciação qualitativa. Além deste aspecto, Anastasi² menciona outros fatores: inadequação de padronização, deficiência de dados normativos, escassa preci

são do avaliador. Entretanto, de vários estudos publicados já se demonstrou a validade, de certas técnicas projetivas.

Benjamin e Ebaugh obtiveram uma percentagem de 85% e 98% empregando o método de emparelhamento e comparando o perfil da personalidade realizados por médicos psiquiatras e por psicólogos que analisaram protocolos de Rorschach às cegas. Um estudo de Brussel e Hitch encontra proporções semelhantes. Harrison empregando o método de análises às cegas, achou que em 75% das conclusões do TAT correspondiam às comprovações, usando o método de emparelhamento (in ref. 46).

O interesse nas técnicas projetivas é grande. As pesquisas de Sundenberg (1961), Crenshaw e outros (1965), Mills (1965) mostram que nas clínicas e hospitais dos EEUU, os métodos de personalidade mais aplicados são, em primeiro lugar o Rorschach e em terceiro o Desenho da Figura Humana^{60, 11, 40}. No Brasil, um estudo exploratório, realizado na Guanabara, por Cruz Pereira e Paiva Fontenelle (1971), entre as instituições clínicas, hospitais e em centros de psicologia industrial, confirmou os resultados das pesquisas americanas quanto ao uso destas técnicas¹².

Deve-se mencionar as diferenças que existem em ambos os métodos. Quanto ao estímulo, no Rorschach, ele é visual, não familiar e não específico; no desenho da figura humana ele é verbal, muito familiar e de caráter não específico. Quanto ao tipo de resposta, no Rorschach é verbal, no desenho da figura humana é expressiva, num plano físico, viso-motor e concreto.

Landisberg observa que: "Ambos os métodos promovem projeção. Apesar das diferenças na natureza dos estímulos, nos processos perceptivos, e nos métodos de expressão empregados, ambas as técnicas são usadas para fornecer informações concernentes a adaptação

da personalidade do sujeito; e quando usadas juntas^(x) provem um rico conjunto de dados complementares suplementares e corroborativos." (in ref. 24).

Concordamos com a posição acima mencionada, acreditando que o Rorschach e o desenho da figura humana se complementam mutuamente e que contribuem para um conhecimento da dinâmica global da personalidade.

(x) grifo nosso

O teste Z foi elaborado por Hans Zulliger, em 1942, para atender a necessidade de selecionar candidatos a oficiais do Exército Suíço, no sentido de discriminar sujeitos normais daqueles que apresentavam traços patológicos.

Consiste de três pranchas similares às do Rorschach quanto ao tamanho, cor, sombreado e forma. Baseia-se nos princípios fundamentais da técnica de Rorschach, inclusive na classificação dos resultados. "A amplitude dos resultados no teste Z é quase sempre idêntica às das provas de Rorschach e Behn-Rorschach. As três lâminas contêm os mesmos elementos de Rorschach e Behn-Rorschach" (p. 16).⁶⁸

A aplicação, no entanto, é individual ou coletiva.

Zulliger apresentou várias investigações envolvendo problemas clínicos com o teste Z : independência do adolescente (1952), objetivos vocacionais (1955), sinais de ansiedade do Rorschach no teste Z (1954), entre outros ^{69, 70, 71}.

Foi objeto de estudos e investigações sobretudo na Europa, Japão, Indonésia e apenas, em 1963, introduzido nos Estados Unidos.

Bacci (1950) apresentou dados de 70 sujeitos, considerando a prova como suplementar à de Rorschach e de valor experimental definitivo¹⁶.

Morali-Daninos e Canivet (1955) desenvolveram normas, baseadas em 100 adultos masculinos, encontrando resultados semelhantes

nas provas de Rorschach e Zulliger⁴¹.

Salomon (1954), num estudo com 211 crianças judaicas africanas aguardando emigração para Israel, mostrou que o teste é um instrumento adequado para exames psiquiátricos e pesquisas. Comparou os resultados com o Rorschach e Behn-Rorschach⁵².

Hagenbuchner e Turner (1956) numa análise às cegas do Teste Z, de um grupo de 100 pacientes psiquiátricos masculinos, relataram concordância em 75% dos casos com o diagnóstico psiquiátrico e discordância em 15% dos outros²².

Van der Meulen (1950), num estudo "intra-cultura" com as respostas vulgares de 433 homens da Indonésia, encontrou semelhanças nas principais características com as descritas por Zulliger, apesar das diferenças ambientais⁶⁴.

Ichimura (1959) mostrou que o "teste Z é paralelo e comparável ao Rorschach, num estudo exploratório com 50 delinquentes juvenis (Apud Eble 16).

Eble, Fernald e Graziano (1963) numa investigação com 54 estudantes masculinos que apresentavam problemas de comportamento, correlacionaram os resultados do teste Z e Rorschach, encontrando 8 categorias significantes ao nível .01 (G, D, M, M+FM, C, A, H, total R)¹⁶.

Lefkowitz (1968) classificou os resultados do teste Z, aplicados em 125 delinquentes juvenis, em 4 categorias para medir psicopatologia. Usou 2 critérios para a validação: avaliação de médicos e escalas de MMPI. Conclui que: "o teste Z, quando classificado desta maneira, pode ser um instrumento grosseiro mas rápido para examinar psicopatologia em delinquentes juvenis".³⁴

É importante mencionar que, apesar dos restritos trabalhos publicados sobre este teste, em nosso meio, já verificamos tentativas de estudos normativos.

Macedo (1968) em sua tese "O teste Z em adolescentes" faz o estudo completo de um grupo de 250 jovens, de determinado colégio de S. Paulo, estabelecendo normas próprias para o grupo³⁷.

Guerra (1972) apresenta um estudo de padronização e classificação das respostas do teste Z, em 150 adultos de 18 a 45 anos de idade, naturais de Recife²⁰.

Nosso objetivo, neste trabalho, restringe-se ao estudo das respostas M - movimento e H - conteúdo humano, na prancha III do teste Z.

Segundo Zulliger "a prancha III provoca facilmente uma cinestesia. Desde que um sujeito seja capaz de perceber as manchas negras como seres humanos, integrando em suas interpretações como perna a parte negra destacada, estamos certos que uma sensação cinestésica foi provocada análoga à da prancha III do Rorschach e do Behn-Rorschach" (p. 16).⁶⁸

Vamos analisar o significado das respostas de movimento e conteúdo humano, referindo-nos mais frequentemente à literatura sobre a prova de Rorschach, pela escassez de pesquisas e bibliografia acessíveis, em relação ao teste Z.

- Respostas de movimento

Rorschach considerava como resposta de movimento: "as respostas de forma que são conseguidas sob o efeito de engramas cinés

tesicos, isto é, produzidos por imagens mnêmicas de movimentos ante riormente vistos, representados ou executados".⁵¹

A influência do movimento em nosso esquema corporal foi assinalada por Schilder: "É claro que cada emoção se expressa no modelo corporal e que cada atitude expressiva é conectada com mudanças características da atitude postural". Assim, o movimento expressivo realizado ou percebido na produção das respostas de movimento reforça o processo de identificação.⁵³

LaPlanche e Pontalis (1970) definem identificação como: "processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo da pessoa".³³

Logo, uma resposta de movimento implica no sujeito sentir o movimento e não meramente vê-lo; em vivenciar o visto; então sempre deve haver uma identificação.

Há divergências quanto a relação entre motilidade e produção de respostas de movimento. Rorschach afirmou que: "a motilidade ou vivacidade dos movimentos de um indivíduo não tem correlação com sua capacidade de percepções cinestésicas. Pelo contrário, o ser humano, quanto mais estável, do ponto de vista motor, maior número de cinestésias percebe e vice-versa."⁵¹ Já Piotrowski discordou e estabeleceu que a correlação entre respostas de movimento e comportamento aberto é positiva.⁴⁷

Esta posição estimulou uma série de experimentos, com diferentes situações de inibição motora, para testarem a hipótese de Rorschach.

Werner Friedman (1952) relatou que sujeitos com atitudes motoras especiais, bailarinos e esportistas, dão comumente muitas respostas de movimentos e tem, em geral, um tipo de vivência introversiva (in Bohm 7).

Meltzoff e colaboradores (1953) demonstraram que situações de inibição motora, como prender as mãos dos sujeitos nas cadeira ou obrigá-los a escrever lentamente, provocam um aumento de respostas de movimento (Apud Neel 42).

Neel (1960) testou 95 sujeitos em cinco condições de inibição motora, antes da aplicação do teste, não tendo comprovado a hipótese de Rorschach⁴².

Darby e colaboradores (1967) verificaram que a execução de uma tarefa inibitória antes da realização da prova, favorece significativamente a produção dessas respostas¹³.

Portanto não há evidência ainda quanto a relação entre motilidade e as percepções de movimento, na técnica de Rorschach.

O significado das respostas de movimento também não está claro. Rorschach frisou: "a relação das cinestésias para com o inconsciente deveria ser considerada em primeiro lugar uma justificação teórica dos resultados da prova."⁵¹ Para Bohm, as respostas de movimento representam a riqueza do mundo das vivências e são sintomas mais gerais de produtividade⁷.

Klopfer afirmou que o determinante movimento é o mais significativo, de interpretação complexa porque implica em processo imaginativo, capacidade de empatia e percepção da natureza altamente diferenciada³².

Beck atribui às respostas M realização de desejos (Apud Parker 44). Já Piotrowski escreve: "as respostas de movimento humano são uma espécie de mecanismo que dirige o indivíduo a desempenhar papéis nas relações interhumanas que são de interesse vital para ele, de tal forma que os M determinam a conduta externa direta ou indiretamente, mas sempre materialmente, e por isso são acessíveis ao comportamento direto, com alguns atenuantes."⁴⁷

Observamos que esta diversidade de interpretações das respostas de movimento, embora com alguns pontos em comum, decorre da falta de uma teoria básica e coerente da personalidade. Logo, os problemas de seleção de critérios externos para comprovar este significado são difíceis e, quando adotados, levam a conclusões vagas e imprecisas, como podemos verificar:

Hertzman e Pearce (1946) obtiveram sete significados diferentes para M, através de dados de psicoterapia intensiva, incluindo identificação, percepção do mundo, figuras parentais (Apud Parker 44).

Zeichner (1955) comparou normais, esquizofrenicos paranoides e esquizofrenicos não paranoides, verificando que a proporção de figuras masculinas percebidas nas respostas M não diferencia os grupos apesar dos esquizofrenicos paranoides tenderem a perceber mais figuras femininas que os esquizofrenicos não paranoides. Concluiu que os esquizofrenicos paranoides manifestaram mais confusão no papel sexual e na identificação feminina que os normais e os esquizofrenicos não paranoides⁶⁷.

Tolman e Meyer (1956) não encontraram dados para validar o sexo da resposta M como medida de identificação sexual. (Apud Parker 44).

Parker (1963) para testar a hipótese de que M revelam auto-imagem, fantasias conscientes, desejos e medos, aplicou um questionário que visava provocar associações às respostas M produzidas no Rorschach. A amostra foi composta por 30 mulheres e 30 homens esquizofrênicos e 30 estudantes universitários. Conclui que a postura, idade, sexo e raça, das respostas M não predizem a identificação do sujeito com M nem tampouco discrimina grupos. Assim, as características formais não são estimativas válidas do papel sexual e da experiência consciente⁴⁴.

Devemos mencionar ainda o problema da ausência de respostas M na prova, sendo que Rorschach a considerava como significativa de processos de repressão neurótica.

Bohm enriqueceu a interpretação destas respostas, quando diferenciou um outro tipo, as respostas de movimento oculto. Nestas, houve uma sensação de cinestesia que desapareceu na formulação da resposta, mas existia antes dela. Analisa em termos da existência de uma luta entre duas tendências: a adoção de uma atitude ou uma identificação com uma pessoa e a oposição que quer ter reprimida no inconsciente esta atitude ou identificação⁷.

Na literatura atual, denomina-se choque cinestesico que, segundo Loosli-Usteri, consiste na ausência de respostas de movimento sobretudo nas pranchas que habitualmente apresentam caráter cinestesico. A ausência total permite deduzir quase sempre a existência de perturbações de contato no relacionamento humano (in Bohm 7).

Zulliger vê na repressão das respostas de movimento, um sinal de atitude afetiva defeituosa em relação ao seu próprio interior. "Estas pessoas se assustam com seu próprio inconsciente, não querendo meditar sobre si mesmo".⁶⁸

— Face à complexidade de interpretações sugeridas para as respostas M, analisaremos, em nosso trabalho, aquela que é relacionada ao contato social, visando em nível de tentativa uma explicitação deste aspecto.

- Respostas de Conteúdo

Rorschach enfatizava a interpretação dos elementos formais da prova para a exploração da personalidade. "Os problemas que se apresentam são, em primeiro lugar, os que se ligam aos princípios formais do processo de percepção. Somente em segundo lugar deveremos considerar o conteúdo material das interpretações." (p. 190)⁵¹

As primeiras investigações sistemáticas dos aspectos do conteúdo da prova de Rorschach foram realizadas por Mohr (1941) na Suíça e por Lindner (1944 e 1946) nos Estados Unidos.

Anastasi afirmou que a tendência para a análise do conteúdo das respostas resultou dos estudos negativos de validação, quanto aos outros aspectos formais da prova².

Beck (1950), Bohm (1958), Klopfer (1954), Endara (1964), Piotrowski (1957) entre outros, concordaram com a principal interpretação das respostas de conteúdo humano como um indicador de maturidade social (Apud Draguns 14).

Das numerosas pesquisas realizadas com o método de Rorschach, poucos se dedicaram à estudos normativos, tendo Hallowell (1956) concluído que 3/4 das respostas, de um protocolo normal de adultos, referem-se ao conteúdo animal e humano (Apud Draguns 14).

As diferenças socio-econômicas e sexuais foram, ocasio

nalmente, investigadas quanto ao conteúdo de Rorschach. De maneira geral, os pesquisadores que utilizam este teste, procuram, em suas amostras, homogeneizar o grupo em relação à educação, sexo ou status econômico, embora poucos tenham se dedicado a comparar os protocolos de Rorschach que diferem em qualquer destas variáveis.

De Renzi, Isotti e Saraval (1957) estudaram as diferenças no conteúdo e outras variáveis entre adultos, em 3 níveis de escolaridade: ginásio, secundário e universitário. Concluíram que a escolaridade variou inversamente com A% e Anat.% e diretamente com H%. Diferenças análogas foram relatadas numa investigação normativa japonesa por Muratnatsu (1962) (Apud Draguns 14).

Riessman e Miller (1958) testando indivíduos de diferentes níveis socio-econômicos, afirmaram que o impacto de uma sessão de teste psicológico em pessoas de classe socio-econômica baixa causa maior tensão do que naqueles de nível alto. A consequência era o empobrecimento de conteúdo e aumento de estereotipia⁴⁸.

De maneira geral, as diferenças de conteúdo são mais pronunciadas em grupos comparados quanto a escolaridade do que quanto as diferenças individuais, como sexo e idade.

Rorschach supôs que "se um técnico se refere, em numerosas respostas, a peças de máquinas, ... então tais interpretações, comparadas com o resultado geral e comparadas com a atitude do examinando durante estas interpretações, podem, uma vez ou outra, fornecer esclarecimentos sobre a energia e sobre a satisfação com que o examinando, por exemplo exerce a sua profissão, até onde vai a sua capacidade de adaptação às condições de seu trabalho ou sobre outras coisas semelhantes." Esta hipótese originou várias pesquisas, em diferentes grupos ocupacionais⁵¹.

Molish, Molish e Thomas (1950), com estudantes de medicina, Dorken (1954) com médicos e Ray (1951) com enfermeiras, em suas investigações com a prova de Rorschach notaram que estes grupos tendem a produzir mais perceptos anatomicos que os grupos de controle ou uma população maior (Apud Draguns 14).

Roe (1952) relatou diferenças significativas nas categorias de conteúdo em função de interesses profissionais de cientistas. Os físicos tendiam a dar maior percentagem de respostas de natureza, os biólogos enfatizavam plantas e anatomia, e nos psicólogos e antropólogos, os perceptos humanos prevaleciam sendo que, entre os antropólogos, houve um aumento de respostas de objeto⁵⁰.

Rieger (1949) verificou um aumento de respostas de conteúdo humano nos sujeitos desempenhando profissões altamente sociais, por ex. administradores e economistas. Courthial (1956) mostrou que os profissionais mais ligados a carreiras técnicas, como engenheiros, davam menos respostas nesta categoria (Apud Draguns 14).

No Brasil, uma investigação de Perito e Savastano (1967) com o teste Z, realizada entre médicos, engenheiros e dentistas, de nacionalidade brasileira e hispano-americana, alunos de um curso de pós-graduação em Saude Pública⁴⁵, verificaram:

- as categorias de conteúdo não revelam diferenças significantes entre estrangeiros e nacionais
- predomínio de A sobre H
- engenheiros apresentaram mais respostas de Arte e Arquitetura; médicos e dentistas mais respostas H e biologia
- predomínio de A na prancha II e de H na prancha III.

Observamos nos estudos acima citado um reflexo das

preocupações ocupacionais nas provas de Rorschach. Entretanto, sua su posição original referia-se primariamente a uma variável motivacional, o que não pode ser equacionado com uma simples afiliação profissional. É necessário verificar se estas diferenças relatadas refletem, realmente, um interesse ocupacional ou se decorrem de fatores situacionais, que foram operativos nestes estudos, onde os sujeitos foram testados implicita ou explicitamente como representantes de sua profissão.

L.B. Ames acha que o interesse humano aumenta com a idade. Entretanto, não há investigações sistemáticas que estudaram a frequência de respostas de conteúdo humano em amostras de adutos e crianças. Mais próximo a este problema, Pechoux e Tocheport (1956) encontraram uma percentagem mais alta de respostas de conteúdo humano em adolescente que pré-adolescente (Apud Draguns 14).

Muito pesquisadores focalizaram o aspecto do ajustamento social. Rapaport e outros (1946) encontraram H como indicador de ajustamento superior de sujeitos normais; Barry (1952) mostrou maior proporção de H para Hd, em indivíduos bem ajustados. Esta relação é paralela a descoberta de Beizmann (1957) no aumento da incidêncoa de Ad e Hd em amostras de crianças mal ajustadas. (Apud Draguns 14). Eschenbach e Borgatta (1955) não conseguem isolar e correlacionar classificações de conteúdos com uma variedade de comportamentos so-ciais ¹⁷.

De Beaudon, Haumonte, Bessing e Guisman (1961) numa investigação com assassinos internados num hospital psiquiátrico, notaram um baixo número de respostas H acompanhado com relativa elevação no número de respostas (H) e sangue (Apud Draguns 14).

A ausência de respostas H foi relatada numa variedade de populações anti-sociais indo de criminosos adultos (Geil, 1945 e Walters, 1953) até delinquentes juvenis (Ray, 1963). Endara (1957) estabe-

leceu que a diminuição destas respostas estava aproximadamente relacionada à severidade do crime; poucos H eram dados mais pelos indivíduos presos por assassinatos do que pelos acusados de roubo. (Apud Draguns 14).

Parece estabelecido que a resposta H varia diretamente com o desenvolvimento cognitivo e a maturidade nas relações sociais, presentes ou em potencial, como foi verificado pelo progresso na psicoterapia. Assim, Hertzman e Pearce (1947) e Tolman e Meyer (1956) estudaram o julgamento de terapeutas na dinâmica de pacientes em relação às características de respostas de conteúdo humano. O primeiro relatou alguns resultados sugestivos do reflexo de aspectos específicos de auto-imagem nas variações de respostas H produzidas. O segundo, não confirmou a identificação sexual revelada na terapia ao sexo da resposta H (Apud Haley 23).

Os estudos sobre conteúdo acham-se mais voltados para a área patológica. Armitage e Pearl (1957), Bradway e Heisler (1953) não encontraram diferenças nas respostas H, entre esquizofrênicos e não psicóticos. Wernert e Durand de Boursingen (1963) observaram diferenças marcantes na natureza de H, dadas por esquizofrênicos, diferenciando quanto aos prognósticos. Os pacientes em estados psicóticos agudos produziram H com conotações mitológicas, regressão oral e os pacientes que tornaram-se doentes crônicos, mostraram dissociação e hostilidade (Apud Draguns 14).

O aspecto qualitativo das respostas H começou a ser considerado significativo. As figuras humanas descritas como deformadas, desvalorizadas (esculturas, caricaturas, bruxas etc.) foram classificadas como (H), símbolo introduzido por Klopfer³¹. Nenhuma investigação sistemática foi realizada quanto a este aspecto, embora os psicólogos, de maneira geral, interpretassem como significativas de dificuldade

des de contato. Uma tentativa de equacionar estas diferenças nas respostas de conteúdo humano encontra-se nas escalas que Zubin, Eron e Schurmer (1965) desenvolveram: de angelico para monstruoso; de caráter a gradável para corrompido; e de conotações ascendentes para submissas. A contribuição dos autores limitou-se a elaboração destas escalas (Apud Haley 23).

O conteúdo máscara e personagens fantásticos foi estudado por Kuhn, num contexto fenomenológico clínico, também sem investigação sistemática. Estas respostas traduzem falta de contato afetivo e estão associadas a distúrbios na formação da identidade (in Bohm 7). Neste aspecto, tivemos informação de quatro estudos clínicos.

Zulliger encontrou respostas de máscaras em pessoas que se sentem observadas e as interpretou como um sintoma de uma tendência a ocultamento e dissimulação. Schachter e Cotte (1963) observaram que os jovens que produzem respostas de máscaras, frequentemente, mostravam dificuldades de adaptação, agressão, mentiras e roubos. Vinson (1960) e Du Brin (1962) notaram que as respostas de máscaras contribuíram para a diferenciação entre amostras de esquizofrênicos e não psicóticos (Apud Haley 23).

Reverendo os estudos sobre as respostas de movimento e de conteúdo humano, no Rorschach, observamos: diversas interpretações para as respostas M e relativa concordância para H, resultados das investigações são divergentes quanto ao significado desses aspectos e falta de comprovação empírica sobre as avaliações qualitativas dos mesmos, por exemplo, conteúdo (H) e significado de M.

Consideramos que estes aspectos resultam de uma série de divergências entre os escritos teóricos/clínicos e as pesquisas, que são:

- os estudos de pesquisas dirigem-se à diferenciação de grupos de grande contraste, por exemplo: esquizofrênicos e normais; nos textos, a ênfase maior é entre grupos similares, por exemplo: obsessivos compulsivos e neuróticos
- as categorias de movimento e conteúdo foram usualmente consideradas independentes dos determinantes de localização; nos textos a interpretação desses significados é em conjunto com outras respostas do Rorschach
- as categorias de conteúdo são consideradas pelo clínicos em relação às outras; nos estudos revistos são investigadas isoladas.

Acreditamos que estas divergências não decorrem apenas de uma imperfeição metodológica. Mas, é necessária reformulação crítica e precisão dessas interpretações fundamentadas numa teoria de personalidade. Além disso, deve-se também incorporar, nas novas investigações, os conhecimentos provenientes do campo da percepção e cognição. Embora seja difícil integrar todos esses fatores, ainda que usando um modelo estatístico mais complexo, será possível minimizar os resultados não conclusivos.

Concordamos com a conclusão de Draguns, Haley e Phillips (1968) na revisão minuciosa e crítica que fizeram sobre a literatura das respostas de conteúdo, "A orientação atórica levou a um crescimento exuberante, talvez mesmo caótico. Em quantidade, a pesquisa de Rorschach é abundante; sua qualidade está quase toda corrompida pela negligência para as formulações teóricas pertinentes e descobertas empíricas que desenvolveram dos estudos experimentais da interação das variáveis personalidade, percepção e cognição." ¹⁵

Muitos pacientes psiquiátricos experimentam sensações estranhas em seus corpos tais como: despersonalização, perda de limites do corpo, desproporção, fatos estes que propiciaram os estudos sobre o esquema corporal.

Head (1920) estudando a persistência sensorial de um membro amputado, que permanecia existente na mente de um sujeito operado, introduziu o termo "esquema corporal ou modelo postural do corpo", para explicar este fenômeno denominado membro fantasma (in ref. 53).

Nesta linha de investigações, Schilder (1935) reformulou o conceito, numa perspectiva psicológica mais ampla, e o denominou imagem corporal que definia como: "Aquela representação que formamos mentalmente de nosso próprio corpo, isto é, a forma em que ele nos a parece". Acrescenta "embora provenha dos sentidos, não é mera percepção; há nela, quadros e representação mentais, porém tampouco é simples representação", envolve aspectos de catexis corporal, tem íntimas relações com os movimentos, assim como também se relaciona com o modelo postural dos outros ⁵³.

Essa formulação inicial de Schilder foi revista por Fisher e Cleveland (1968) que se resume em: "imagem corporal é um termo que se refere ao corpo como experiência psicológica e focaliza as atitudes e sentimentos do indivíduo para com o seu próprio corpo. Diz respeito à experiências subjetivas com o corpo e à maneira como foram organizadas tais experiências".¹⁸

Os estudos sobre a imagem corporal, o desenvolvimen-

to das técnicas projetivas, o método de Goodenough, ou seja, o teste HTP (casa, árvore e pessoa) levaram Machover a investigar sobre os aspectos emocionais que se expressavam nos desenhos. Foi assim que, em 1949, Machover introduziu a técnica do Desenho da Figura Humana, afirmando: "a figura humana desenhada por um indivíduo que é solicitado para desenhar uma pessoa relata intimamente os impulsos, ansiedades, conflitos e compensações características daquele indivíduo. De certa forma, a figura desenhada é a pessoa, e o papel corresponde ao ambiente. Isto pode ser uma formulação "crua" mas serve bem como uma hipótese de trabalho".³⁸

Uma investigação minuciosa sobre a técnica de Machover, em crianças, foi realizada por Abraham (1963 - pg. 52) que comenta: "a imagem do corpo e sua projeção no teste da figura humana é uma criação subjetiva, impregnada de tudo aquilo que nós sentimos e pensamos de nós mesmos."¹

Considera-se, então, que as atitudes do indivíduo em relação ao seu corpo não somente suplementam informação válida sobre suas experiências de socialização mas também possibilitam predizer importantes aspectos de seu comportamento.

Partindo do pressuposto que o desenho da figura humana reflete a imagem corporal do sujeito, numerosos investigadores dedicaram-se a este tema.

Numa primeira revisão da literatura feita por Swensen, de 1949 até 1956, poucos trabalhos publicados comprovaram a hipótese de Machover. As pesquisas analisadas foram: Gosldworth (1950), Giedt e Lehner (1951), Berman e Laffal (1953), Prater (1950), e Kotkov e Goodman (1953), tendo concluído "é aparente, que dos poucos estudos revisados acima, a conclusão que pode ser tirada é que está faltando pes

quisa definitiva no significado básico dos desenhos da figura humana".⁶¹

A partir desta época, vários trabalhos foram realizados, utilizando diferentes métodos nos experimentos. Assim, alguns investigadores testaram pessoas com defeitos físicos.

Schmidt e McGowan (1959) aplicaram o desenho da figura humana em 30 pessoas com defeitos físicos e 30 pessoas normais. Selecionaram três grupos de juizes. No 1º grupo, os juizes já tinham experiência na análise dos desenhos e foram determinados para terem uma orientação profissional afetiva; no 2º grupo, os juizes também tinham uma experiência na análise dos desenhos e foram determinados para terem uma orientação profissional cognitiva; no 3º grupo, os juizes não tinham experiência em análise de desenhos. Os resultados foram analisados pelo método de Qui-quadrado (14,34 com p.0.01) e concluíram: os desenhos das figuras de pessoas com defeitos físicos podem ser diferenciados dos desenhos das figuras de pessoas normais, mas não houve diferença quanto ao grupo de juizes⁵³.

Centers e Centers (1963) num estudo com crianças congenitamente amputadas e com crianças normais, solicitaram 3 desenhos: desenho de uma pessoa, a do sexo oposto e o auto retrato. Três juizes classificaram os desenhos sendo que somente no do auto retrato encontraram diferenças na representação da imagem corporal nos 2 grupos, sobretudo no tratamento dos braços das figuras. O critério estatístico adotado foi o Qui-quadrado (17,32 significante ao nível 0,001).⁸

Pellerin, Duché e Horrison (1960) em seu trabalho com crianças hospitalizadas para intervenções cirurgicas, concluem que os desenhos entre os quais o da figura humana, dão "uma expressão viva e plástica dos estados ligados às insuficiências e más formações, ao mesmo tempo que representam as modificações que produziram na cinestesia

e no psiquismo em seguida à intervenção cirúrgica." (Apud van Kolck 65).

Outros pesquisadores focalizaram a representação da imagem corporal, através da percepção que o sujeito tem de si mesmo, usando escala semântica, atribuição de idade, estimativa de peso e altura e solicitando um terceiro desenho, ou seja, um auto-retrato.

Kamano (1960) relacionou performance no desenho da figura e auto conceito, em 45 mulheres esquizofrenicas hospitalizadas. O auto conceito foi determinado por uma escala semântica diferencial de 15 conceitos, que foram classificados por juizes com base nos desenhos. Três medidas de auto conceito foram determinadas: a imagem atual, a imagem ideal e a imagem não desejada. A correlação mais alta de . 59 foi entre o desenho e o conceito da imagem atual, de . 35 em relação a imagem ideal e . 36 quanto a imagem não desejada³¹.

McHugh (1965) estudou a relação entre a idade assinalada nos desenhos e a idade verdadeira, em 312 meninas e 287 meninos. Concluiu que todas as crianças assinalaram idade substancialmente mais alta do que as suas próprias, em ambos os desenhos, o que não confirma a hipótese de Machover³⁹.

Silverstein e Robinson (1961) correlacionaram o peso e a altura estimados por 30 meninos e 30 meninas, no 6º ano escolar, com o peso e a altura estimados das figuras desenhadas pelas crianças. Encontraram uma correlação negativa baixa, porém observaram que as crianças foram bastante precisas em suas estimações de seus próprios pesos e alturas⁵⁶.

Craddik (1963) solicitou a 23 meninos e 23 meninas do 5º ano escolar e 23 estudantes masculinos e 23 estudantes femininos para desenharem uma pessoa, depois para desenharem um auto-retrato.

Comparou os dois conjuntos de desenhos quanto ao tamanho, sexo do desenhista, posição na página e a frequência do emparelhamento correto dos desenhos por um juiz masculino e um feminino. Concluiu que a representação da imagem corporal no desenho estava confirmada porque não havia mais diferença significativa quanto ao tamanho. Muitos sujeitos desenharam o mesmo sexo em ambos os desenhos e 69 de 92 sujeitos colocaram o desenho na mesma parte da página ⁹.

Ludwig (1969) introduziu, experimentalmente, estímulos positivos e negativos no sentido de valorizar e diminuir a auto estima de 50 meninos, do 8º e 9º ano escolar, após terem desenhado as figuras. Na segunda aplicação do desenho constatou que o grupo que recebeu críticas negativas quanto a auto estima mostrou constrição nos desenhos (r. 40) ³⁶.

Três estudos relacionando tamanho da figura com patologia, que pode ser pertinente para a consideração de auto-estima, encontraram resultados positivos. Koppitz (1966) observou que as crianças tímidas desenhavam figuras pequenas e Lewinsohn (1964) encontrou que pacientes deprimidos também desenhavam figuras pequenas. McHugh (1966) notou que crianças sofrendo de distúrbios de conduta desenhavam figuras maiores que crianças neuróticas de uma clínica de saúde mental (Apud Swensen 62).

Por outro lado, Exner (1962) não verificou relação entre tamanho e diagnóstico de desordem de caráter. Reznikoff e Nicholas (1958) não observaram relação entre tamanho e determinadas características de patologia. Goldstein e Rawn (1957) não encontraram nenhuma tendência para aumentar o tamanho dos desenhos em sujeitos que sofreram, experimentalmente, uma agressão. (Apud Swensen 62)

A interpretação do desenho da figura, através de clas

sificação global feita por juizes, foi, mais frequentemente, relacionada a área de psicopatologia.

Strumpfer (1963) estudando desenhos de figuras humanas em psicóticos de várias idades, relatou a validade de 6 métodos estandardizados de julgamentos quanto aos aspectos globais nos desenhos, encontrando as seguintes validades no teste-reteste: qualidade geral do desenho . 89 ; ajustamento: . 84 ; diferenciação sexual . 79 ; maturidade . 85 e distúrbio na imagem corporal . 74.⁵⁹

Guinan e Hurley (1965) pediram a juizes para comparar os desenhos obtidos numa ocasião de testes aos desenhos obtidos cinco semanas mais tarde. Selecionaram 3 grupos de juizes: um grupo de psicólogos com cursos de doutoramento, um grupo de estudantes graduados e um grupo de estudantes universitários. Os desenhos foram feitos por um grupo de 20 estudantes universitários. Encontraram uma relação significativa ao nível . 001 quanto ao julgamento dos juizes. Os psicólogos com cursos de doutoramento compararam os desenhos numa média de 19 de 20 possibilidades, enquanto os estudantes numa média de 12 entre 20 possibilidades²¹.

Lewinsohn (1965) correlacionou a qualidade geral dos desenhos com medidas de personalidade. 42 homens e 47 mulheres, pacientes de um hospital psiquiátrico, se submeteram ao teste, na admissão e na saída do mesmo. Quanto aos resultados dos testes dos homens encontrou que a qualidade do desenho se correlacionava significativamente com a escala de força do Ego do MMPI e, os resultados dos testes das mulheres com a escala de ansiedade (Apud Swensen 62).

Kahn e Jones (1965) usaram a classificação geral dos desenhos, feita por juizes para predizer se os sujeitos testados seriam ou não admitidos num hospital psiquiátrico. Obtiveram uma relação significante ao nível . 001.³⁰

Apfeldorf e Smith (1966) compararam fotografia e desenhos das figuras de seus sujeitos. Os juizes foram capazes de comparar os desenhos das figuras e a fotografia do sujeito num nível significativo, mas a média de sucessos na comparação, nesta investigação, foi baixa (1,21 e 1,24 de 5,00 comparações)⁴.

De acordo com a colocação de Machover, "os aspectos formais e estruturais do desenho tais como tamanho, linha e localização são menos sujeitos a variabilidade que conteúdo tais como: detalhes do corpo, roupas e acessórios" (p. 638), o que propiciou muitas investigações visando a validação do teste.

Star e Marcuse (1959) constataram a validade do DAP em sete aspectos das figuras. Os sujeitos foram divididos em 3 grupos: Grupo A - fizeram os desenhos em 2 ocasiões separadas, 1 mes de diferença, com o mesmo examinador. Grupo B - fizeram os desenhos em 2 ocasiões separadas, uma mes de diferença, com 2 examinadores diferentes. Grupo C - fizeram os dois grupos de desenhos, na mesma ocasião, com o mesmo examinador. Não encontraram diferenças entre os 3 grupos. Confirmaram que os seguintes resultados eram consistentes, num nível de significância .001: A localização da figura na página, sexo da primeira figura desenhada por sujeitos masculinos, perspectiva, desenhos incompletos, tamanho da figura, e razão do tamanho cabeça-corpo. Entretanto, nenhuma das estatísticas foi grande, o máximo de phi foi .54.⁵⁷

Hammer e Kaplan (1964) apresentaram 3 estudos sobre a validade do desenho da figura humana em crianças. A amostra era de 1200 crianças do 4º, 5º e 6º ano escolar. O controle estatístico adotado foi o Qui-quadrado. No primeiro estudo investigaram a validade do tamanho do desenho das figuras, estabelecendo 3 critérios: grande (maior que 16 cm), médio (de 7 a 16 cm) e pequeno (menor que 7 cm). Concluíram que os desenhos dos extremos quanto ao tamanho não têm

validade pois crianças que desenhavam figuras pequenas tendem, numa 2a. administração, a desenharem figuras maiores²⁵. No 2º estudo, informaram que crianças que desenhavam figuras humanas de seu próprio sexo no primeiro desenho, tendem a continuar a desenhá-las numa 2a. administração, mas crianças que desenhavam figuras humanas de sexo oposto primeiro tendem a mudar e desenhavam figuras humanas de seu próprio sexo na administração subsequente²⁶. No 3º estudo, encontraram validade para os desenhos das figuras feitos de face tanto para meninos quanto para as meninas. Os desenhos de perfil só tem validade para os meninos²⁷.

Litt e Margolies (1966) repetiram o experimento de Hammer e Kaplan quanto ao sexo da figura desenhada primeiro, não tendo encontrado validade. O desenho da figura humana foi administrado três vezes a um grupo de 341 crianças (Apud Swensen 62).

→ Há uma diversidade de estudos voltados para traços específicos do desenho da figura como: omissões, expressão facial, roupas, localização, nariz, boca, olhos etc. Selecionaremos para objeto de nosso trabalho, os seguintes aspectos: perfil, vazio, esquematizado e incompleto.

Quanto ao desenho de perfil, Machover (pg. 93) comentou "a cabeça de perfil com todo o corpo de frente se vê com frequência no sexo masculino, principalmente em adolescentes. A postura resultante é forçada e irreal. Normalmente indica inquietude social alguma falta ou culpa em relação aos contatos sociais". Em outro trecho "o tratamento de perfil de uma figura é interpretado como um indicador de evasão. Apesar das figuras de perfil sugerirem um medo de compromisso, não se deve supor que agressividade e franqueza são características de todos os sujeitos que desenhavam uma figura de frente" (in ref. 3).

Forno (1960) analisando vários aspectos do desenho da casa, árvore, pessoas, declara que a pessoa pode estar de perfil ou de frente. O perfil absoluto (um só braço e uma só perna) indicará recusa a apreender a realidade, uma tendencia a voltar-se sobre si mesmo (Apud van Kolch 65).

van Kolch (1963) em sua tese sobre a padronização do desenho da figura humana em adolescente, verificou que, em geral, estes desenhavam a figura humana de frente. Numa amostra de 475 sujeitos, 17,3% desenharam a figura humana de frente, cabeça e pés de perfil e 13,4% mostraram a figura humana toda de perfil⁶⁵.

Cramer e Azima (1956) observaram, num estudo com paciente sendo tratado por hormônio adrenocorticotropico (ACTH), que quando este se comportava de maneira mais eufórica e expansiva, desenhava sua figura de frente. Quando estava na fase depressiva, tensa e ansiosa, prevalecia o desenho de perfil¹⁰.

Swensen (1968) em sua revisão sobre a literatura do desenho da figura humana, mostrou que a validade do desenho de perfil oscila entre .31 e .43.⁶²

Exner (1962) observou que os neuróticos e doentes de desordem de caráter desenhavam figuras humanas de perfil mais frequentemente que os normais (Apud Swensen 62).

McHugh (1966) não encontrou relação entre desenhos de perfil e problemas de comportamento em crianças³⁹.

—6 Analisando os resultados das investigações acima mencionadas observamos que a validade do desenho de perfil é relativamente baixa. Entretanto, consideramos este critério por indicar, de maneira

geral, uma dificuldade de contato expressa através de uma atitude evasiva.

Poucos investigadores focalizaram o aspecto do desenho vazio. Encontra-se alguns estudos sobre a expressão facial e presença de roupas. Para Machover a roupa indicada apenas por um cinto ou botões mostraria falta de interesse pelas pessoas e talvez negligência nos contatos sociais³⁸.

Hiler e Nesvig (1965) determinaram um critério de avaliação para inferir patologia nos desenhos das figuras humanas. 6 psicólogos e 8 não psicólogos receberam uma mistura de desenhos de 30 adolescentes normais e 30 adolescentes psiquiátricos, e foram instruídos para inferir os desenhos feitos pelos pacientes e estabelecer o critério usado. Entre os critérios adotados pelos psicólogos encontrou-se "vazio, sem expressão" em 75% nos julgamentos dos desenhos patológicos²⁸.

Holzberg e Wexler encontraram diferenças em mulheres normais (95%) e esquizofrênicas (61%), quanto a presença de roupas²⁹.

Wilkinson e Schnadt estudaram 25 características de desenhos da figura humana em doentes psiquiátricos. Encontraram 16 características significativas com as categorias de diagnósticos, entre elas, a demasiada simplificação de roupas⁶⁶.

Selecionamos este critério pela frequente ocorrência deste tipo de desenho, nesta amostra. Embora nenhum estudo tenha focalizado especificamente este aspecto, observamos que pode ser considerado como indicativo de sinal patológico ou de negligência nos contatos sociais.

Quanto ao desenho esquematizado, encontra-se algumas

referências nos livros de texto, e apenas uma investigação foi realizada nesta área.

Hammer escreveu que os desenhos esquematizados significariam evasão, insegurança e indivíduos que duvidam de si mesmo ²⁴.

Machover comenta: "consiste na versão geométrica, vazia, abstrata e super-simplificada, de uma pessoa. Esses desenhos muitas vezes são realizados com indiferença dando concessão somente às partes essenciais de uma figura. São diagramáticos e remotos e podem ser considerados, nesses termos, como uma fotocopia da constrição emocional. Representam pessoas egocentricas, cuja participação social e aspecto suscetível da personalidade são bloqueadas pela concentração de suas próprias necessidades no adulto de inteligência mediana significam geralmente neuroses, hipocondriases, depressões, regressões psicóticas, ou propensões para desordens psicossomáticas." (in ref. 3)

Gunzburg achou que certas características qualitativas reveladas nos desenhos da figura humana podiam indicar perturbações, indo da inadaptação à psicose ou às lesões orgânicas. Isolou, num grupo homogêneo de adultos de 16 a 26 anos, sete indicadores patológicos entre eles: esquematização, omissão e desorganização (in ref. 1).

Verificamos pelos estudos acima citados que este tipo de desenho pode expressar dificuldades emocionais e também de relacionamento.

Alguns trabalhos focalizaram o desenho incompleto sobretudo no campo patológico.

Shontz (1956) em desenhos da figura humana de hemiplegicos encontrou como sinal de distúrbio da imagem corporal, o incompleto

tamento, isto é, omissão de uma ou mais das seguintes partes: cabeça, tronco, braço, perna. Conclui que os resultados desse estudo apoiam a hipótese de que distúrbios da imagem corporal aparecem frequentemente em concomitância com a hemiplegia (Apud van Kolck 65).

Lorge e outros (1958) estabeleceram critérios para diferenciar desenhos de adultos jovens e mais idosos, entre eles - o desenho intacto, isto é, nenhuma omissão de partes principais do corpo. Verificou que adultos jovens mostram omissões de mãos e pés, mas que os mais idosos omitem também braços e pernas.³⁵

Swensen (1968) verificou que a omissão de partes parece ter uma validade maior que outros indicadores estruturais em relação a validade teste-reteste (0.54).⁶²

Koppitz (1966) encontrou que crianças desajustadas omitem mais frequentemente partes do corpo nos desenhos que as crianças normais, e este fato está relacionado com a inteligência (Apud Swensen 62).

Handler e Reyher (1964) observaram que homens incultos omitem detalhes de seus desenhos da figura masculina, quando submetidos a situações de tensão (Apud Swensen 62).

No Brasil, temos poucos estudos realizados sobre o desenho da figura humana, apesar de amplamente utilizado.

Freitas Jr. (1956, 1957, 1958) aplicando o DAP a um grupo de adultos, de 18 a 30 anos, examinados simultaneamente por outros testes e selecionados do ponto de vista médico-psiquiátrico como normais, neuróticos ou deprimidos, e a grupos de doentes psiquiátricos com indiscutíveis sinais de deterioração, chegou a estabelecer um es

re de deterioração para uso em exames psicotécnicos. Definido o escore, o estudo prosseguiu no sentido de determinação das médias nos grupos de normais e nos de anormais, chegando-se a diferenças estatisticamente significantes. No caso do desenho, a deterioração é medida pela soma de todos pontos alcançados. Comenta ainda o autor que a experiência com o escore, nos exames de motorista, tem demonstrado eficiência (Apud van Kolck 65).

Arruda (1957 e 1958) também se voltou para a determinação de critérios para diagnóstico diferencial, restritos, porém, a esquizofrenia e baseados no uso de uma técnica apenas aproximada à de Machover. Um grupo de normais e outro de esquizofrênicos foram solicitados a desenhar uma figura humana e o próprio corpo: a seguir, pediu-se-lhes que respondessem a um questionário, previamente elaborado. Afirmando que verificara não ser o desenho da figura humana e o do próprio corpo decisivo para o diagnóstico da esquizofrenia, chegou o autor a estabelecer uma série de traços típicos do desenho dos esquizofrênicos (Apud van Kolck 65).

M. J. de Carvalho (1960) investigou em 200 debeis mentais, matriculados em classes especiais do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, analisando os desenhos da figura humana baseadas nas técnicas de Goodenough e Machover, e concluiu pela artificialidade da separação: inteligência-personalidade e pelo valor do DAP no diagnóstico psicológico na debilidade mental em todos os seus aspectos (Apud van Kolck 65).

van Kolck (1963) em sua tese de doutoramento "Sobre a técnica do Desenho da Figura Humana na exploração da personalidade. Estudo de Adolescentes de centros urbanos", padronizou a técnica, com uma amostra de 494 adolescentes de ambos os sexos, chegando a definir o perfil psicológico dos mesmos ⁶⁵.

Analisando as pesquisas mencionadas acima, constatamos que o conceito de imagem corporal é um construto definido por uma variedade de medidas de comportamento e de auto conceito. Verificamos a falta de análises críticas e formulações teóricas sobre o ponto de partida de todos esses estudos, que é a imagem corporal. Esta posição a parece nitidamente na segunda revisão da literatura feita por Swensen (1968) quando escreve: "Qual a medida que é um indicador verdadeiro da imagem da pessoa de seu próprio corpo? A questão é, naturalmente, não respondível^(x) e talvez Ebel esteja certo em declarar que a questão não deveria ser feita^(x). Num sentido a questão é mesmo sem importância." ⁶²

Portanto, pode-se notar que os investigadores estão mais interessados em usar a prova e para isso procuram determinar modelos diferentes de experimentos, que propriamente interessados no estudo da adequação da técnica, como meio de investigar a expressão da imagem corporal.

Evidencia-se então uma grande quantidade de pesquisas não sistematizadas. As conclusões continuam discordantes e vagas, tendo contribuído pouco para o conhecimento da imagem corporal, como afirma: Schmidt (1959) "os desenhos das figuras realmente são projeções do desenhista, mas não meramente projeções simples da auto-imagem" ⁵⁴ ou segundo Roback (1968) "apesar de parecer haver algum suporte para a hipótese de Machover, as descobertas inconsistentes indicam que a relação entre o desenho da figura humana e a imagem corporal ainda não está clara." ⁴⁹

Considerando o frequente uso e a escassez de trabalhos publicados desta técnica em nosso meio, o nosso objetivo é investigar o

(x) grifo nosso

desenho da figura humana como instrumento complementar do teste Z, no estudo da personalidade.

Acreditamos firmemente que para se prosseguir na aplicação e nas pesquisas desta técnica, faz-se necessário uma reavaliação dos fundamentos teóricos do desenho da figura humana.

4.

ABORDAGEM EXPERIMENTAL

Os objetivos deste trabalho são:

- verificar a relação entre o desenho da figura humana e as respostas ao teste Z;
- verificar a relação entre os testes do desenho da figura humana e Z, com um critério externo de avaliação.

4.1

Hipóteses

- a) Não há diferença significativa nas interpretações entre os aspectos do DAP e as respostas à prancha III do teste Z.
- b) Não há diferença significativa na avaliação dos supervisores e as respostas à prancha III do teste Z.
- c) Não há diferença significativa na avaliação dos supervisores e os aspectos do DAP.

4.2

Amostra

Constitui-se de um grupo de 216 adultos, do sexo masculino, com idade média aproximada de 25 anos.

O nível de escolaridade era universitário, de diversas faculdades de Administração e Economia do Estado da Guanabara, estudantes do 4º ano ou recém formados. Não houve controle quanto ao nível sócio-econômico.

Os testes DAP e Z foram aplicados como parte de uma bateria de testes, usada na seleção desses candidatos, a gerente de um banco da GB, no período de julho de 71 a julho de 72.

O sub-grupo foi composto dos 16 indivíduos que foram admitidos como funcionários deste estabelecimento bancário, em diferentes épocas no período de 71 e 72.

Os candidatos admitidos para o banco, após quatro meses, foram avaliados por dois supervisores em diversos aspectos: produtividade, relacionamento com colegas e supervisores etc.

A escala de avaliação variava de 1 a 5 pontos, sendo considerado:

- 5 - excelente - muito acima do padrão requerido
- 4 - muito bom - acima do padrão requerido
- 3 - satisfatório - atinge o padrão exigido
- 2 - insatisfatório - não atinge o padrão exigido
- 1 - crítico - está muito abaixo do padrão

Como o sub-grupo era pequeno (N=16) dividimos, em relação à média, a classificação do aspecto de relacionamento desta avaliação feita pelos supervisores (S). Consideramos nesta avaliação somente a primeira, isto é, após o quarto mes de trabalho.

É importante mencionar as etapas preliminares do processo seletivo, às quais se submetiam os candidatos, antes de se efetuar sua admissão ao banco:

- triagem por meio de análise de Curriculum Vitae
- bateria de testes: aptidão e personalidade
- entrevista com a psicóloga
- entrevistas com dois supervisores com a finalidade de avaliar conhe-

cimentos técnicos exigidos para a função

- reunião entre supervisores e psicóloga para decidir sobre a admissão de cada candidato.

4.3 Instrumentos de medida

4.3.1 Material

Usamos os diapositivos do teste Z originais (Hans Huber, Berne, Suíça). A aplicação foi coletiva, em grupos de 14 a 18 sujeitos, segundo a técnica de Zulliger quanto as instruções e anotação de respostas. Introduzimos uma modificação na localização das respostas, que foi feita pelos sujeitos, contornando a parte da mancha interpretada, numa folha individual com reproduções da lamina.

As instruções para o teste DAP foram: "Desenhe uma pessoa completa". Após o término do primeiro desenho, solicitava-se para, numa segunda folha, desenharem uma pessoa do sexo oposto à do primeiro desenho.

A aplicação dos dois testes foi sempre feita pela mesma psicóloga.

A classificação das respostas à prancha III do teste Z e dos desenhos da figura humana, foi feita por 2 estudantes do 4º ano de psicologia, após um período de treinamento.

4.3.2 De acordo com o modelo teórico, as respostas à prancha III do teste Z podem ser classificadas segundo a localização, deter

minantes e conteúdos. Apresentaremos algumas possíveis classificações das respostas a prancha III, que atendessem ao aspecto considerado neste trabalho, isto é, quanto ao nível de relacionamento.

Possíveis classificações das respostas à prancha III do teste Z

GMH	DMH	DF + (H)
G_c MH	DF - A	H = 0
GF + H	GF + A	(H) \geq 0
GF - H	GF - A	Dd F + Hd
DF - H	GF + (H)	Dd F - H
DF + H	GM (H)	Máscaras

4.3.3 A interpretação do desenho da figura humana compreende a análise de aspectos estruturais: localização na página, proporções, perspectiva, tamanho do desenho, movimento etc., e também a análise do conteúdo: a expressão facial, acessórios, ênfase sobre aspectos individuais etc. Apresentaremos algumas classificações possíveis do DAP segundo os pontos mencionados.

Possíveis classificações com o desenho da figura humana

Lc - localização central	E - esquematizado
Le - localização esquerda	V - vazio
Ld - localização direita	C - completo
Ps - posição superior	I - incompleto
Pi - posição inferior	M - movimento
Tm - tamanho média	D - diferenciação sexual
Tg - tamanho grande	Sm - sexo masculino do primeiro desenho
Tp - tamanho pequeno	Sf - sexo feminino do primeiro desenho
P - perfil	Ex - expressão facial

Co - costas
f - face

H - habilidade artistica
Id - idade atribuida ao desenho

4.3.4 Considerando as inumeras classificações dos dois testes, elaboramos algumas associações hipotéticas entre o teste Z e o desenho da figura humana, que atendessem ao objetivo deste trabalho. Tal associação também foi feita para cada teste e o critério externo de avaliação.

4.3.4.1 Associação entre os aspectos levantados nos testes Z e DAP

DAP	Z
C, M, Ex, f, Tm, Lc	GMH, DMH G _c MH, GF + H
E, I, Tg, Le, Sf, Ps	H = 0 GF + (H) GF - A DF - A
E, V, P, Tp, I, Ld, Pi	H = 0 DF - A DF + A Dd F + Ad
I, Le, Pi, P, V	DF - Hd Dd F + Hd Dd F - Hd
P, Pi, E, I, Co, Tp, Le	Máscaras GF, DF + GF - , Dd F -
V, Pe, Co, E, Tp, Le, Tr, Sf	(H) ≥ 0

4.3.4.2

Associação hipotética entre os aspectos levantados no teste Z e a avaliação dos supervisores

ACM - avaliação acima da média

ABM - avaliação abaixo da média

ACM	GMH G _c MH GF + H DF + H DMH
ABM	GF - H GM (H) DF - H DF + (H) DF - A H = 0 GF + A (H) ≥ 0 GF - A Dd F + Hd GF + (H) Dd F - Hd

4.3.4.3

Associação hipotética entre os aspectos levantados no desenho da figura humana e a avaliação dos supervisores

ACM	C Tm f Lc D	M H Sm Ex
ABM	E V Tg Tp Ts I	P Co Le Ld Sf Pi

4.3.5

Crêterios operacionais

Estabelecemos alguns critérios dada a não viabilidade de análises globais, que possibilitassem controles estatísticos e defini es operacionais.

Considerando ainda as diversas associa es possíveis entre os testes e o critério externo de avalia o, selecionamos para objeto de nosso estudo os seguintes aspectos:

- desenho da figura

perfil	-	não perfil
vazio	-	não vazio
esquemmatizado	-	não esquematizado
incompleto	-	completo

- teste Z

GMH

DMH

$H \geq 1$

$H = 0$

$(H) \geq 1$

4.3.5.1 Os desenhos da figura humana foram classificados segundo os critérios:

- Perfil (A) - quando apresentava as características: rosto de perfil e corpo de frente, corpo e rosto de perfil
- Vazio (C) - quando apresenta as seguintes características: cabeça, tronco e membros porém com demasiada simplifica o de roupas (indicada apenas por um cinto ou botões), com ou não diferencia o s 

xual, sem expressão facial.

- Esquemático (E) - como as instruções dadas eram para um desenho da figura humana completa, observamos que surgiu um desenho semelhante ao tipo comum do esquematizado. Esses desenhos consistiam de representação sobretudo do corpo, em formas geométricas como cubo ou triângulo, com pouca diferenciação sexual.
- Incompleto (H) - quando apresentava omissões de cabeça, tronco, braços, pernas, mãos e pés.

A escolha desses critérios (perfil, esquematizado, vazio e incompleto) visou atender aos seguintes objetivos: definição operacional, facilidade de classificação e interpretações sugerindo dificuldades de relacionamento.

4.3.5.2 As respostas à prancha III do teste Z foram classificadas da seguinte maneira:

- resposta global - quando o indivíduo incluía, na localização, toda a mancha preta e/ou as manchas vermelhas
- resposta de detalhe - quando o indivíduo não incluía, na localização, o detalhe negro inferior considerado como "as pernas"
- resposta de movimento - quando o sujeito interpretava a mancha como uma figura de movimento explícito ou não. A resposta de "Homens" incluindo o detalhe negro como as "pernas", foi considerada de movimento
- resposta de conteúdo humano - todas as respostas de percepto humano (jogadores, bailarinos, crianças etc.)

- respostas de conteúdo humano desvalorizado (H) - adotamos a classificação de Klopfer e incluímos as respostas de máscaras (bruxas, monstros, palhaços, seres mascarados etc.).

4.3.5.3 As combinações entre os diversos critérios operacionais geraram novas possibilidades de agrupamentos hipotéticos:

- indivíduos que desenharam uma ou duas figuras de perfil tendem a dar no teste Z, resposta global e/ou detalhe com movimento humano após o 2º percepto, ou não dar respostas de movimento e/ou conteúdo humano
- indivíduos que desenharam uma figura vazia não dão respostas de conteúdo humano no teste Z
- indivíduos que desenharam uma figura esquematizada tendem a dar respostas de conteúdo humano desvalorizado e/ou conteúdo humano
- indivíduos que desenharam uma figura incompleta não dão resposta global com movimento humano

DESENHO DA FIGURA		Z	
A	Perfil	A'	GMH, DMH após a 2a. resposta $M = 0, H = 0$
B	Não perfil	B'	GMH na 1a. resposta
C	Vazio	C'	$H = 0$ $M \geq 0$
D	Não vazio	D'	$H \geq 0$ $M \geq 0$
E	Esquematizado	E'	$H = 0$ $(H) \geq 1$
F	Não esquematizado	F'	$H \geq 0$
G	Incompleto	G'	GMH = 0
H	Completo	H'	GMH ≥ 1

Em relação ao critério externo de avaliação, consideramos:

- indivíduos que desenham figuras humanas de não perfil, não vazio, não esquematizado e completo tendem a ser avaliados acima da média (ACM)
- indivíduos que desenham figuras humanas de perfil, vazio, esquematizado e incompleto tendem a ser avaliados abaixo da média.

Aval. Supervisores	Desenho da Figura e Z	
ACM	BB'	FF'
	DD'	HH'
ABM	AA'	EE'
	CC'	GG'

4.4 Observações sobre os instrumentos empregados

Os testes projetivos possuem dificuldades já bastante conhecidas quanto à sistematização e falta de critérios objetivos no seu levantamento (vide capítulo 1). Essas dificuldades são uma consequência de sua própria natureza.

Selecionamos alguns aspectos dos dois testes que permitissem definições em termos operacionais, embora no decorrer do trabalho verificássemos algumas falhas:

- 1 - Imprecisão de critérios - os critérios foram estabelecidos, em nível de tentativa, para relacionar aspectos do DAP a certas respostas do teste Z. Para efeito do processamento estatístico, tivemos

que classificar tanto o aspecto do DAP quanto as respostas do teste Z, em duas categorias. Assim, nos desenhos classificados como B, ou seja, não perfil entraram também aqueles que, qualitativamente, apresentavam outras características significativas, por exemplo, os desenhos H (incompletos) ou E (esquemático), o que também afetou as outras classificações do DAP.

Como foi mencionado, a variedade de respostas possíveis à prancha III do teste Z dificultou a precisão dos critérios. A resposta de conteúdo humano desvalorizado não foi computada quando havia presença de uma resposta H, por se considerar que esta reflete possibilidade de estabelecer contato humano, ainda que precário.

- 2 - O tamanho do sub-grupo foi insuficiente para permitir uma verificação com os critérios estabelecidos tanto para o DAP quanto para o teste Z.
- 3 - O critério externo de avaliação implica em vários erros mencionados por Tiffin⁶³:
 - o efeito de Halo, quando o supervisor considera um funcionário em um traço, é provável que o avalie também como superior em outros traços;
 - o erro constante - quando os avaliadores tendem a ser condescendentes na elaboração da avaliação, concedendo a muitos empregados avaliações altas ou baixas;
 - fatores pessoais do avaliador, como por exemplo, simpatizar com o empregado, o que influencia a boa avaliação;
 - outras influências - idade, grau de experiência etc.
- 4 - O período de 4 meses, como tempo de trabalho funcional, não é suficiente para avaliar-se o nível de relacionamento entre supervisores e colegas, pois pode ser considerado como uma fase de adap

tação que abrange: normas de empresa, tipo de trabalho, ambiente etc.

- 5 - Dificuldades em controlar outras variáveis que possam ter interferido no trabalho: motivação, persistência, ansiedade (necessidade de passar nos testes para conseguir a colocação), experiência anterior em testes (terem ou não se submetido, em outros lugares a testes semelhantes).
- 6 - A análise parcial de alguns aspectos do DAP e certas respostas a prancha III do teste Z comprometem uma avaliação precisa sobre o nível de relacionamento, pois da análise global pode-se ter dados sobre a dinâmica da personalidade.

4.5 Procedimentos estatísticos

O nível de medida com que se trabalha é do tipo nominal ou categorial. Pela falta de existência de parâmetros foi necessário utilizar técnicas de distribuição livre.

A amostra de que se dispõe foge às características de normalidade e por ter um número pequeno no sub-grupo, não pode ser considerada como representativa da população geral.

Tendo em vista esse fator, a escolha do teste estatístico recaiu sobre técnicas não paramétricas, a fim de testar as hipóteses. Sendo assim, o teste do qui-quadrado foi utilizado para determinar a significância de diferenças entre dois grupos independentes, distribuídos em categorias discretas. O coeficiente phi foi utilizado para nos informar sobre a intensidade da associação.⁴³ O teste da probabilidade exata de Fisher foi adotado devido ao número reduzido de casos no sub-grupo.

O nível de significancia adotado foi p. 05, satisfatório para uma pesquisa dessa natureza.

4.6 Resultados

4.6.1 Aspectos do Desenho da Figura Humana e respostas a prancha III do teste Z (N = 216)

AA' (perfil)	$\chi^2 = 6,62$ p. 05	$\emptyset = 0,17$
CC' (vazio)	$\chi^2 = 24,96$ p. 05	$\emptyset = 0,34$
EE' (esquemático)	$\chi^2 = 11,42$ p. 05	$\emptyset = 0,23$
GG' (incompleto)	$\chi^2 = 10,45$ p. 05	$\emptyset = 0,22$

A 1ª hipótese foi verificada através dos dados coletados no teste DAP e Z, segundo critérios fixados, sendo mais precisamente, desdobrada nas seguintes sub-hipóteses:

- não há diferença significativa entre o aspecto A (perfil) e as respostas A' à prancha III do teste Z

A hipótese foi rejeitada no grupo total; $\chi^2 = 6,62$; significante ao nível p.05 ($\emptyset = 0.17$)

- não há diferença significativa entre o aspecto C (vazio) no DAP e as respostas C' à prancha III do teste Z

A hipótese foi rejeitada no grupo total; $\chi^2 = 24,96$; significante ao nível p.05 ($\emptyset = 0.34$)

- não há diferença significativa entre o aspecto E (esquematizado) e as respostas E' à prancha III do teste Z

A hipótese foi rejeitada no grupo total; $\chi^2 = 11,42$; significante ao nível p.05 ($\phi = 0,23$)

- não há diferença significativa entre o aspecto G (incompleto) e as respostas G' à prancha III do teste Z

A hipótese foi rejeitada no grupo total; $\chi^2 = 10,45$; significante ao nível p.05 ($\phi = 0,22$).

A fim de verificar-se a coerência dos resultados foi analisada a relação entre as duas variáveis (DAP e Z), encontrando-se $\chi^2 = 183,56$ significante ao nível p.05. Logo, o DAP e o teste Z são independentes e a discriminação entre os grupos não se faz ao acaso.

4.6.2 Avaliação de supervisores e respostas à prancha III do teste Z (N = 16)

A'	aceita
C'	aceita
E'	aceita
G'	aceita

A 2a. hipótese foi verificada através dos dados coletados no teste Z e a avaliação dos supervisores, segundo os critérios estabelecidos, sendo, mais precisamente, desdobrada nas seguintes sub-hipóteses:

- não há diferença significativa entre as características A' e a avaliação dos supervisores

- não há diferença significativa entre as características C' e a avaliação dos supervisores
- não há diferença significativa entre as características E' e a avaliação dos supervisores
- não há diferença significativa entre as características G' e a avaliação dos supervisores

A hipótese não foi rejeitada em todas as verificações, pelo teste de probabilidade exata de Fisher (Siegel pg. 96)⁵⁵ ao nível de significancia p.05. A escolha dessa técnica baseou-se no tamanho do sub-grupo (N = 16) e pela independencia entre as células.

4.6.3 Avaliação dos supervisores e aspectos do Desenho da Figura Humana (N = 16)

A (perfil)	aceita
C (vazio)	aceita
E (esq.)	aceita
G (incompleto)	aceita

A 3a. hipótese foi verificada através dos dados coletados no teste DAP e a avaliação dos supervisores, segundo critérios estabelecidos, sendo desdobrada nas seguintes sub-hipóteses:

- não há diferença significativa entre o Aspecto A e a avaliação S
- não há diferença significativa entre o aspecto C e a avaliação S
- não há diferença significativa entre o aspecto E e a avaliação S
- não há diferença significativa entre o aspecto G e a avaliação S

A hipótese não foi rejeitada em todas as verificações, pelo teste de probabilidade exata de Fisher, ao nível de significância previamente estabelecido.

4.7 Discussão

Sendo o objetivo principal deste trabalho a relação entre os testes DAP e Z e, secundariamente, verificar a concordância entre os critérios determinados para os dois tipos de provas empregadas, 3 hipóteses foram testadas.

Quanto a primeira hipótese encontrou-se uma correlação positiva baixa entre os critérios estabelecidos, o que indica a existência de uma associação entre eles, porém de intensidade fraca.

Não foram confirmadas as 2a. e 3a. hipóteses.

A avaliação dos supervisores, como já foi mencionado, é, frequentemente, influenciada por fatores subjetivos, falta de objetividade de critérios e pelas características pessoais do avaliador. Achamos que seriam necessárias outras medidas de controle como a apreciação entre os próprios colegas de trabalho ou de outros supervisores.

Verificou-se a ausência de relação entre as variáveis, isto é, os aspectos indicativos de dificuldades de relacionamento não comprometeram o desempenho no ambiente de trabalho. Parece, portanto, que um relacionamento apenas superficial é satisfatório para a atuação nesta função, neste grupo.

Outro ponto que merece indagações é: em que medida os psicólogos avaliam, realmente, as características essenciais para o

indivíduo exercer a função ? Sinais considerados como significativos de dificuldades emocionais comprometem a atuação no trabalho ? Essas perguntas são pertinentes devido aos poucos estudos publicados no que diz respeito as técnicas de follow-up em seleção profissional.

No sub-grupo avaliado observa-se que alguns indivíduos, ainda que apresentando dados reveladores de dificuldades nesta área, foram admitidos, em função de uma análise completa, que incluía: resultados de testes de aptidão, interpretação de outro teste de personalidade e entrevistas.

Outros aspectos considerados possibilitaram comparações, quanto a percentagem de respostas H, (H) e A, na prancha III do teste Z. Destacaremos o presente estudo (a) e os trabalhos de: (b) Guerra, numa pesquisa de padronização do teste Z, numa população de 150 sujeitos, de 18 a 45 anos, naturais de Recife²⁰; (c) Perito e Savastano, com um grupo de 113 estudantes de um curso de pós-graduação em Saúde Pública, constituído por médicos, engenheiros e dentistas⁴⁵; (d) Morali e Canivet com 100 adultos masculinos⁴¹. (Tabela 1)

Tabela 1

Distribuição dos conteúdos H, (H) e A da prancha III segundo os estudos a, b, c, d em % sobre o total de respostas da prancha

	a	b	c	d
H	22,6	21,6		
(H)	16,5	16,9		
A	32,2	44,2	37,2	34,2
H+(H)	39,1	39,5	41,5	43,5

Observamos que há uma correspondência entre os resultados por nós obtidos e os apresentados por Guerra, sobretudo em relação as respostas H e (H), embora os dois grupos diferenciassem-se quanto a escolaridade (no nosso era exigido o 4º ano universitário e no outro, o mínimo era a alfabetização). Parece portanto, que os fatores H e (H) não sofrem influencia do nível de escolaridade, nem mesmo da idade.

Estes resultados não confirmam as investigações de Muratnatsu e De Renzi e outros, realizadas com o teste de Rorschach, quando verificaram diferenças em percentagem de H quanto ao nível de escolaridade.

As pequenas diferenças, quanto as respostas de H+(H), nos estudos a, b e c, não permitem inferências de que o aumento de H seja decorrente da atividade ocupacional, como indicaram Rieger e Courthal.

O aumento de H com a idade também não foi confirmado. Uma pesquisa realizada por Macedo, com adolescente de 14 a 16 anos, em São Paulo, indicou 39,4% de respostas H³⁷. Resultado este bastante semelhante ao nosso (a) e com os apresentados por Guerra (b). Observa-se que não há influencia de idade quanto ao aumento de H, no teste Z, pelo menos nos resultados desses estudos citados.

A ausencia de respostas H e o aparecimento de, pelo menos, uma resposta (H), em 26,3% do grupo total possibilita algumas considerações: o significado dessas respostas indica somente dificuldades emocionais ou podem ser consequência da própria situação de teste, que causa ansiedade pelo individuos necessitarem do emprego, para a sua sobrevivencia? As respostas classificadas nesta categoria incluíram conteúdos interpretados, como características de despersonalização. Talvez o

enfoque dado por Augras a respeito da despersonalização "como perda total ou relativa da linha de encontro entre o ser e o mundo que se opõem dialeticamente, expressa a vivencia de um processo patológico, ou apenas, a angustia da condição humana", explicaria o significado deste tipo de respostas, numa situação de seleção profissional⁵.

Os desenhos esquematizados segundo Machover são feitos, muitas vezes, com "indiferença dando concessão apenas às partes principais". Questiona-se, então, se este tipo de desenho é uma reação à situação de teste pois as pessoas sentem revelar sua intimidade e, que não terão acesso, de maneira geral, aos resultados. (in ref. 3)

Como vimos até agora, a análise parcial dos testes Z e DAP compromete a avaliação de características da personalidade de um indivíduo. A finalidade destas considerações é alertar sobre a ênfase que pode ser dada, a um determinado tipo de resposta, na análise qualitativa, sobretudo num processo de seleção profissional.

CONCLUSÃO

Como objetivo primeiro deste trabalho procurou-se estabelecer a existência de possível correlação entre os aspectos do desenho da figura e respostas à prancha III do teste Z. Os resultados obtidos, após os procedimentos estatísticos, revelaram correlação positiva baixa entre esses dois testes, de acordo com os critérios fixados. Esta relação confirma nossa hipótese de que o desenho da figura e o teste Z, se complementam e, quando usados juntos, contribuem para o conhecimento da personalidade.

O segundo objetivo proposto, que visava verificar a relação entre esses testes e um critério externo de avaliação, não foi confirmado pelo teste estatístico. Pode-se concluir que os aspectos considerados como indicativos de dificuldades de relacionamento não influenciaram no desempenho funcional desses indivíduos e, que uma sociabilidade superficial, talvez seja suficiente.

Consideramos, portanto, que os testes devem ser utilizados como instrumentos complementares e não exclusivos do processo de seleção e que a interpretação dos resultados deve ser tomada em termos relativos.

Notamos ainda que o desenvolvimento de profissiografias minuciosas permitirá adequação das técnicas psicológicas ao processo de seleção. É aconselhável a vivência do psicólogo na função, para a qual irá selecionar pessoas, visando sentir as necessidades e requisitos exigidos, a fim de utilizar os instrumentos mais eficazes na sua avaliação.

A nosso ver, não adianta se prosseguir nas novas inves

tigações em busca de correlações mais altas entre outros aspectos desses testes ou validação por meio de análises globais de psicólogos ou supervisores, sem que, primeiramente, se reanalise os fundamentos teóricos dos mesmos.

— Na revisão bibliográfica do teste Z, verificamos divergências em relação ao significado das respostas de movimento. Piotrowski⁴⁷ e Loesli-Usteri (in Bohm 7) consideram que M está relacionado a conduta enquanto que para Beck (Apud Parker 44) à realização de desejos e para Rorschach⁵¹, a fantasias e riquezas do mundo interior.

Notamos que a manifestação de respostas de conteúdo humano indica maturidade nas relações sociais como afirmam: Endara, Piotrowski, Rorschach, Bohm, Zulliger entre outros (Apud Draguns 14). Entretanto, Eschenback e Borgatta¹⁷ não encontraram relação entre conteúdo com diversos comportamentos sociais embora Geil e Walters observassem a ausência de H, em adultos criminosos (Apud Draguns 14). Esses estudos e aqueles mencionados no capítulo 2, nos levou a constatar falta de evidência empírica no significado das respostas de movimento e conteúdo humano.

Em relação ao desenho da figura não verificamos confirmação quanto à sua suposição básica - representação da imagem corporal. Os resultados das pesquisas continuam contraditórios apesar dos diferentes métodos utilizados pelos investigadores. Schmidt e McGowan⁵³ encontraram diferenças nos desenhos da figura em pessoas com defeitos físicos, porém Centers e Centers⁸ não sustentaram essa afirmação, em seus experimentos.

Focalizando a representação da imagem corporal sob outro ângulo, McHugh não encontrou relação entre idade assinalada nos de

senhos e a idade verdadeira³⁹. Já Ludwig introduziu, experimentalmente, estímulos positivos e negativos, constatando relação entre auto estima e tamanho do desenho³⁶. A validade do desenho foi investigada através de traços do desenho, tendo sido confirmada no estudo de Star e Marcuse⁵⁷, enquanto que Litt e Margolies não verificaram a validade do sexo do primeiro desenho (Apud Swensen 62).

Portanto é fundamental a realização de uma revisão e síntese geral do que já foi publicado e pesquisado sobre esses testes, no sentido de eliminar os fatores até agora não comprovados empiricamente e, de aprofundar-se naqueles que evidenciam substrato teórico-empírico melhor estruturado.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - Abraham, Ada, Le dessin d'une personne, Editions Delachaux & Niestlé, S.A., (Switzerland), 1963, p. 52.
- 2 - Anastasi, Anne, Testes Psicologicos, Editora Herder, São Paulo, p. 650-691 (1965).
- 3 - Anderson, H.H. e Anderson, G.L., Tecnicas Projetivas do Diagnostico Psicologico, Editora Mestre Jou, São Paulo, 1967, p. 351-362.
- 4 - Apfeldorf, Max e Smith, Walter, J., The representation of the Body Self in Human Figure Drawings, *J. Proj. Tech.*, 30, 283-289, (1966).
- 5 - Augras, Monique, Temas de despersonalização nos conteúdos do teste de Rorschach, *Arq. Bras. Psic. Apl.*, 22, 61-82, (1970).
- 6 - Bacci, V., Statistiche Italiane del reattivo de Zulliger, *Riv. Psicol.*, 46, 26-38, (1950), (Psychol. Abstr. 25: 8072).
- 7 - Bohm, Ewald, Manual del Psicodianostico de Rorschach, Ediciones Morata S.A., Madrid, p. 69, 155-157, (1968).
- 8 - Centers, Louise e Centers, Richard, A comparison of the Body Image of Amputee and Non-Amputee children as revealed in Figure Drawings, *J. Proj. Tech.*, 27, 158-165, (1963).
- 9 - Craddik, R. A. The self-image in the Draw-A-Person Test and Self-portrait drawings, *J. of Proj. Tech. & Pers. Assess.*, 27, 288-291, (1963).
- 10 - Cramer-Azima, Fern, J., Personality changes and Figure Drawings: A Case Treated with ACTH, *J. Clin Psychol.*, 20, 143-149, (1956).

- 11 - Crenshaw, D. A., Bohm, S., Hoffman, M. R., Matheus, J. M. e Offenbach, S. G., The use of Projective Methods in Research : 1947-1965, J. Proj. Tech. & Pers. Assess., 32, 3-9, (1968).
- 12 - Cruz Pereira, M. L. e Paiva Fontenelle, J. M., Condições de Trabalho no Campo da Psicologia Aplicada - GB (1970) Boletim CEPA, 3, 9-14, (1971).
- 13 - Darby, J., Hofman, K. e Melnick, B., Response Inhibition and the Rorschach 'M' Response, J. Proj. Tech. & Pers. Assess., 31, 29-30, (1967).
- 14 - Draguns, J. G., Haley, E. M. e Phillips, L., Studies of Rorschach Content: A review of the research Literature. Part I; Traditional Content Categories, J. Proj. Tech. & Pers, Ass., 31, 3-32, (1967).
- 15 - Draguns, J. G., Haley, E. M., e Phillips, L., Studies of Rorschach content; A review of the research literature. Part III : Theoretical Formulations, J. Proj. Tech & Pers. Ass., 32, 16-32, (1968).
- 16 - Eble, Selma J., Fernald, L. Dodge J. Graziano, A. M., The Comparability of Quantitative Rorschach and Z-Test Data, J. Proj. Tech. & Pers. Ass., 27, 166-170, (1963).
- 17 - Eschenbach, A. E. e Borgatta, E. F., Testing behavior Hypotheses with the Rorschach; an exploration and validation, J. Consult. Psychol. 19, 267-273, (1955).
- 18 - Fisher, S. e Cleveland, S. E., Body Image and personality, Dover Publications, Inc. New York, p. 11, (1968).
- 19 - Frank, Lawrence K., Projective Methods for the study of personality, J. of Psychology, 8, 389-413, (1939).

- 20 - Guerra, Alba Gomes, Padronização e classificação de respostas do Z-teste, Arq. Bras. Psic. Apl., Rio de Janeiro, 24, 21-57, (1972).
- 21 - Guinan, J. F. e Hurley, J. R., An investigation on the reliability of Human Figure Drawings, J. Proj. Tech., 29, 300-304, (1965).
- 22 - Hagenbuchner, K. e Turner, F., Uber Die Branchbarkeit der Diapositiv-Z-Testes in der klinischen Psychiatrie, Z. diagnost. Psychol., 2, 331-343, (1956), (Psychol. Abstr., 32 : 1623).
- 23 - Haley, E. Marie, Draguns, J. G., e Phillips, Leslie, Studies of Rorschach Content: A review of Research Literature. Part. II : Non-Traditional Uses of Content Indicators, J. Proj. Tech. & Pers. Ass., 31, 3-38, (1967).
- 24 - Hammer, E. F., The Clinical Application of Projective Drawings, Charles e Thomas, Publisher, U.S.A., 2a. edição, p. 112, 613-619, (1967).
- 25 - Hammer, M. e Kaplan, A. M., The reliability of profile and front-facing directions in childrens's drawing. Child Development, 35, 973-977, (1964).
- 26 - Hammer, M. e Kaplan, A. M., The reliability of the sex of first drawn figure by children. J. of Clin. Psychol., 20, 251-252, (1964).
- 27 - Hammer, M. e Kaplan, A. M., The reliability of size of children's drawings, J. of Clin. Psychol., 20, 121-122, (1964).
- 28 - Hiler, E. W. e Nesvig, D., An evaluation of criteria used by clinicians to infer Pathology from Figure Drawings, J. Consult. Psychol., 29, 520-529, (1965).

- 29 - Holzberg, J. D. e Wexler, M., The Validity of Human Form drawings as a measure of personality deviation, *J. Proj. Tech.*, 14, 343-361, (1950).
- 30 - Kahn, M. W. e Jones, N. F., Human figure drawings as predictors of admission to a psychiatric hospital, *J. of Proj. Tech.*, 29, 319-322, (1965).
- 31 - Kamano, Dennis, K., An investigation on the meaning of Human Figure Drawings, *J. of Clin. Psychol.*, 16, 429-430, (1960).
- 32 - Klopfer, B. e Davidson, H. H., Tecnica del Rorschach, Editorial Paidós, Buenos Aires, p. 164, (1969).
- 33 - LaPlanche, J. e Pontalis, J. B., Vocabulario de Psicanalise, Livraria Martins Fontes, p. 295-478, (1970).
- 34 - Lefkowitz, Monroe M., Screening Juvenile Delinquents for Psychopathology by use of the Z-Test. *J. Proj. Tech. & Pers. Ass.*, 32, 475-478, (1968).
- 35 - Lorge, I., Tuckman, J. e Dunn, M. B., Human Figure Drawings by younger and older adults, *J. of Clin. Psychol.*, 14, 54-56, (1958).
- 36 - Ludwig, David J. Self-perception and the draw-a-person test, *J. Proj. Tech. & Pers. Ass.*, 33, 257-261, (1969).
- 37 - Macedo, Rosa Maria S., "O teste Z" em Adolescentes, *Rev. de Psic. Normal e Patologica*, 1 e 2, 3-40, (1968).
- 38 - Machover, K., Personality projection in the drawing of the human figure, Springfield, III: Charles C. Thomas, (1949).
- 39 - McHugh, A., Age associations in children's figure drawings, *J. of Clin. Psychol.*, 21, 429-431, (1965).
- 40 - Mills, David H., The research Use of Projective Techniques: a

- Seventeen Year Survey, J. Proj. Tech. & Pers. Ass., 29, 513-515, (1965).
- 41 - Morali-Daninos, A. e Canivet, N., Manuel - La Technique du Test Z, Centre Psychologie Appliquée, Square Jouvenet, Paris, (1966).
- 42 - Neel, A. F., Inhibition and Perception of movement on the Rorschach, J. of Consult. Psychol., 24, 224-230, (1960).
- 43 - Nick, Eva e Kellner, S. R. de O., Fundamentos de Estatística para a Ciência do Comportamento, Editora Renes, R. J., (1971).
- 44 - Parker, Rolland S., The perceiver's identification of the Figure in the Rorschach Human Movement Response, J. Proj. Tech., 27, 214-219, (1963).
- 45 - Perito, A. e Savastano, H., Considerações sobre as categorias de conteúdo e o fenômeno do choque em um grupo de alunos cursando Pós-Graduação em Saúde Pública, Primeiras Jornadas Brasileiras sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach, Edições CEPA Rio de Janeiro, 88-102, (1967).
- 46 - Pichot, Pierre, Los tests mentales, Editorial Paidós, Buenos Aires, 2a. edição, p. 85-109, (1963).
- 47 - Piotrowski, Z. A., Perceptanalysis, New York, The Macmillan Company, p. 144, (1957).
- 48 - Riessman, F. e Miller, S. M., Social class and projective testes, J. Proj. Tech., 22, 432-439, (1958).
- 49 - Roback, H. B., Human Figure Drawings: their utility in the clinical Psychologist's armamentarium for personality Assessment, Psychological Bulletin, 70, 49-67, (1968).

- 50 - Roe, Anne, Analysis of group Rorschachs of psychologists and anthropologists, *J. Proj. Tech.*, 16, 212-224, (1952).
- 51 - Rorschach, H., Psicodiagnostico, Editora Mestre Jou, São Paulo, p. 129, 232 (1967).
- 52 - Salomon, F., Erfahrungen mit dem Z-Diapositivtest A. diagnost. *Psychol.*, 2, 12-38, (1954), (*Psychol. Abstr.*, 29: 952).
- 53 - Schilder, Paul, Imagem y Aparencia del Cuerpo Humano, Editorial Paidós, Buenos Aires, p.209-301 p.p., (1958).
- 54 - Schmidt, Lyle D. e McGowan, John F., The differentiation of Human Figure Drawings, *J. of Consult, Psychol.*, 23, 128-133, (1959).
- 55 - Siegel, Sidney, Nonparametric Statistics for the behavioral sciences, McGraw-Hill Book Company, Inc, p. 96-104 (1956).
- 56 - Silverstein, A. B. e Robinson H. A., The representation of physique in children's figure drawings, *J. of Consult Psychol.*, 25, 146-148, (1961).
- 57 - Star, S. e Marcuse, F. L., Reliability in the "Draw-A Person" Test, *J. of Proj. Tech.*, 23, 83-86, (1959).
- 58 - Stoltz, R. E. e Coltharp, F. C., Clinical Judgment and the Draw-A-Person Test, *J. of Consult. Psychol.*, 25, 43-45, (1961).
- 59 - Strumpfer, D. J. W., The relation of Draw-A-Person Test variables to age and chronicity in psychotic groups, *J. of Clin. Psychol.*, 19, 208-211, (1963).
- 60 - Sundberg, N. D., The practice of psychological testing in clinical services in the United States, *American Psychologist*, 16, 79-83, (1961).

- 61 - Swensen, Clifford, Empirical Evaluations of Human Figure Drawings, *Psychological Bulletin*, 54, 431-466, (1957).
- 62 - Swensen, Clifford, Empirical Evaluations of Human Figure Drawings; 1957-1966, *Psychol. Bulletin*, 70, 20-44, (1968).
- 63 - Tiffin, J. e McCormick, E.J., Psicologia Industrial, Editora Herder, São Paulo, Vol. I, p.330-341, (1969).
- 64 - Van der Meulen, E. E. C., Vulgär deutungen bij de Z-Test in Indonesia, *Psychol. Abstr.* 34, 42-69, (1959).
- 65 - van Kolck, O. Lourenção, Sobre a Técnica do Desenho da Figura Humana na Exploração da Personalidade. Estudo de Adolescentes de Centros Urbanos. Tese apresentada ao Doutorado na Cadeira de Psicologia Educacional, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, (1963).
- 66 - Wilkinson, A. E. e Schnadt, F., Human Figure Drawing Characteristics: an empirical study, *J. of Clin. Psychol.*, 24, 224-226, (1968).
- 67 - Zeichner, A., Psychosexual identification in paranoid schizophrenia, *J. Proj. Tech.*, 19, 67-77, (1955).
- 68 - Zulliger, Hans, Le Test Z Collectif, Editions Han Huber Berne et Stuttgart, Berne, op. 16-19, 41-43, (1957).
- 69 - Zulliger, G., Ein Ablosungs-Konflikt, *Psychol. Abstr.*, 27, 7903, (1952).
- 70 - Zulliger, H., Angst in der Spiegelung des Tafeln-Z-Tests, *Psychol. Abstr.*, 29, 7505, (1954).
- 71 - Zulliger, H., "Kleine Psychotherapie" and Hand Eines Tafeln-Z-Tests, *Psychol. Abstr.*, 29, 8688, (1955).

Dissertação apresentada aos Srs.

Prof. Monique Augras

Prof. Aroldo Rodrigues

Dr. Carlos Paes de Barros

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, ... / ... / ...